

Lima Barreto, o triste cartesiano

"O brasileiro é vaidoso e guloso de títulos ociosos e honrarias chocas. O seu ideal é ter distinções de anéis, de veneras, de condecorações, andar cheio de dourados".

- Lima Barreto, Carta a Assis Viana.

Djalma Augusto dos Santos Mello

Setembro de 2017

No dia 13 de Maio de 1881 nascia Afonso Henriques de Lima Barreto no Rio de Janeiro. Filho do tipógrafo João Henriques de Lima Barreto e da professora Amália Augusta, Lima Barreto nasceu em tempos de escravidão e cresceu em um mundo pós-escravidão sem qualquer perspectiva de um futuro promissor, e ele estava certo. Lima Barreto foi um microcosmo da condição racial no Brasil em tempos onde o cientificismo ganhava cada vez mais força na Medicina e até mesmo nas explicações sociológicas.

Seu pai era um respeitado tipógrafo no Rio e era monarquista convicto, trabalhando em importantes periódicos, dentre eles, o afamado Jornal do Commercio, porém saiu repentinamente do jornal em 1907. Tinha como padrinho nos tempos do Império, o Barão de Ouro Preto que circulava em torno de d. Pedro II por causa da sua temperança e fidelidade ao Império. O visconde de Ouro Preto investiu nos estudos dele, acreditando no potencial dele. Barreto não foi o único filho do casal e a professora Amália Augusta

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

sofreu com complicações de parto, onde deixou-a paralisada, agravando a sua saúde.

João Henriques tentou de tudo para salvá-la, levando-a para ares mais puros, seguindo para o subúrbio carioca, porém pereceu deixando um enorme vazio para a família Barreto, sobretudo, para o João Henriques que já apresentava sinais de crise de nervos. Aos 7 anos de idade, Afonso Henriques de Lima Barreto teve que despedir-se de sua mãe com uma morte precoce, algo que seria a sua sina ao perder a vida tão cedo. Com o apoio financeiro do padrinho visconde de Ouro Preto, Lima Barreto ingressou com notas "satisfatórias" na Faculdade Politécnica do Rio de Janeiro, iniciando os seus estudos em Engenharia Civil. Teve notas que agradou uma parcela de professores na área de Ciências Exatas, mas mesmo assim, não estava nem um pouco satisfeito com os professores que pegavam no seu pé e a exclusão social por não ter o mesmo padrão econômico dos colegas da faculdade e por ser mulato. Arrastou uma pequena parcela do seu tempo em uma instituição que não o agradava.

Estava ali para satisfazer o desejo de seu pai, vendo o filho na condição de "Doutor" e obter um prestígio social. Lima Barreto sonhava em ser escritor por prazer e projeção intelectual. Escreveu algumas missivas para o seu pai e amigos que fez na cafeteria Papagaio, ponto de encontro de jovens escritores, onde falavam de política e literatura. Aos finais de semana seguia para a Ilha do Governador para encontrar-se com o seu pai que pediu demissão do jornal que trabalhava após saber que Rui Barbosa o demitiria. Arrumou-se como almoxarife na Colônia de Alienados, Ilha do Governador. Lá, Lima Barreto lembrava-se de muitas passagens da sua infância, principalmente, lembranças da sua mãe e da dor da perda, mas lembrava-se da "mãe branca", a Princesa Isabel que assinou a Lei Áurea no dia de seu aniversário quando completava 7 anos de idade, no dia 13 de Maio de 1888, onde seu

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

pai e ele foram testemunhas oculares do fim da escravidão no Paço Imperial diante de uma plateia em polvorosa.

Lima: o escritor e leitor

Desde cedo Lima Barreto estava decidido em ser escritor, publicando em folhetins e periódicos, textos de forte cunho político, social e literário com pitadas de ironia, uma das muitas características como pessoa e escritor. Tinha como principais desafetos, Coelho Neto e João do Rio. O primeiro era criticado por ter sido considerado prolixo na escrita e essencialmente parnasiano. Simpatizante da aristocracia fluminense, Coelho Neto irritava Lima Barreto ao defender o estrangeirismo, sobretudo, o futebol, uma atividade esportiva inglesa que ganhou o gosto da aristocracia urbe do Rio de Janeiro. João do Rio era fortemente criticado por ser considerado hipócrita ao relatar as mazelas sociais em seu livro *A alma encantadora das Ruas*, mas mesmo assim, João do Rio teve uma ótima vendagem nas principais livrarias na Rua do Ouvidor, gerando despeito de Lima Barreto.

Em 1911 Lima Barreto lançava a sua célebre obra *O triste fim de Policarpo Quaresma*, tornando-se um dos principais livros em venda no início da década de 10, mas não foi o suficiente para uma ascensão social e nem ingresso na ABL. Apaixonado pela leitura, Lima Barreto tinha em sua humilde residência, um volume de 800 livros, divididos em Filosofia e Literatura em sua biblioteca que "batizou" com o nome *Limana*: junção do seu nome com a palavra *mana*, vendo o seu espaço com ares de irmandade. Se autoproclamava cartesiano, tinha livros de Schopenhauer e Nietzsche, além dos clássicos de Shakespeare, autores franceses como Stendhal, Balzac, Victor Hugo e autores russos como Tolstói e Dostoiévski. Em sua *Limana* não faltavam as obras de Machado de Assis (todos), José de Alencar (todos), Carlos de Laet e a obra *O Abolicionismo* de Joaquim Nabuco.

AVL

Academia Volta-redondense de Letras

O FIM

O pai de Lima Barreto, o João Henriques, teve a sua saúde abalada após o falecimento de sua companheira. Trabalhando na Colônia dos Alienados na Ilha do Governador, o pai de Lima Barreto entrou em uma paranoia e surtou com contas, que segundo ele estavam erradas, mas nada foi comprovado sobre algum erro, mas mesmo assim, João Henriques adoeceu, se agravando sistematicamente. Cada vez mais amargurado com a vida, Lima Barreto mergulhou no álcool, perdendo amigos e deixando-se levar para o seu maior temor: a sarjeta. Suas efemérides no Diário Íntimo mostravam um homem precocemente envelhecido, cabelos brancos e em um desânimo que o levou para a cama. Seu pai em estado terminal deixou-o aturdido, levando-o ao falecimento no ano de 1922 aos 41 anos de idade. Considerado pré - modernista pelo historiador literário Alfredo Bosi, Lima Barreto foi um crítico do sistema, das prerrogativas da elite carioca e brasileira e criando celeumas perante jornalistas, políticos e intelectuais do seu tempo. Seu pai faleceu dois dias depois do seu falecimento. Foi o triste fim dos Lima Barreto.

Bibliografia:

BEATRIZ, Resende. Lima Barreto: cronista do Rio. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2017;

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2017;

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2003;

SCHWARZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: triste visionário. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2017.